



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA Cinemateca Júnior

KING KONG / 1933 *(King Kong)*

um filme de Ernest B. Schoedsack e Merian C. Cooper

Realização: Ernest B. Schoedsack e Merian C. Cooper / **Argumento:** James Creelman e Ruth Rose, baseado na novela de Edgar Wallace e Merian C. Cooper / **Fotografia:** Edward Linden, Vernon Walker e J.O. Taylor / **Direcção Artística:** Van Nest Polglase / **Décor:** Thomas Little / **Trucagens:** Willis O'Brien / **Supervisão Matte:** Frank Williams / **Efeitos Especiais:** Harry Redmond Jr. / **Esculturas:** John Cerisolé / **Caracterização:** Mel Berns / **Guarda-Roupa:** Walter Plunkett / **Som:** Murray Spivack / **Música:** Max Steiner / **Montagem:** Ted Cheesman / **Interpretação:** Robert Armstrong (Carl Denham), Fay Wray (Ann Darrow), Bruce Cabot (Jack Driscoll), Frank Reicher (o comandante), San Hardy (Charles Weston), Noble Johnson (Chefe dos Nativos), Steve Clemento (o rei dos feiticeiros), James Flavin (Briggs), Victor Wong (Charley), Paul Porcasi (Socrates), etc.

Produção: Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack para a RKO / **Produtor Executivo:** David O. Selznick / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, legendada em português, 94 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, a 10 de Abril de 1933 / **Estreia em Portugal:** S. João do Porto, a 14 Novembro de 1933 / **Estreia em Lisboa:** Cinema S. Luiz, a 2 de Janeiro de 1934 / **Reposição:** 9 de Julho de 1971, no Cinema Éden.

Aviso: A cópia que vamos exhibir apresenta riscos e saltos na passagem de bobines, além de um ruído de fundo constante. Pelos factos, as nossas desculpas.



Pouco antes de morrer, em 1999, aos 92 anos, Fay Wray, a actriz que este filme celebrizou, afirmava que ainda recebia cartas de espectadores falando-lhe de **King Kong**. Alguns dizem ter visto este filme 40 ou 50 vezes. O actor Rod Steiger confessou que o viu 22 vezes. Numa cidade da África do Sul, parece que o filme esteve 20 anos sucessivos em cartaz. A cada nova reposição (e têm sido inúmeras) **King Kong** esgota lotações e é considerado o filme mais visto de toda a história do cinema. Um êxito que tanto a sofisticada versão de 1976 como a ultra-espectacular versão de 2005 estiveram longe de repetir, provando que não são os famosos efeitos técnicos (em 1933, os mais complicados de sempre) que estão na base do sucesso de Kong.

Qual é essa base? Qual o segredo do fascínio que este filme continua a provocar sobre gerações sucessivas?

A razão tem que ver com razões que à mesma escapam, e com a espantosa carga mítica de que "história" e filme estão imbuídos: **King Kong** é uma prodigiosa descida ao nosso inconsciente colectivo, aos nossos fantasmas e medos, convocando os sentidos que o mito célebre da "Bela e o Monstro" - de que o filme é uma variação - invariavelmente faz surgir. A razão do êxito de **King Kong** é a mesma dos grandes contos e sagas indo-europeus: tudo está neles, de modo mais simples e mais obscuro, mais directo e mais oblíquo, mais aparente e mais subterrâneo.

Foi isso que, em primeiro lugar, perceberam os surrealistas, ao considerarem este filme - como o **Zaroff** dos mesmos autores - obras máximas dessa corrente. Mas ainda hoje muito boa gente torce o nariz às leituras psicanalíticas e simbólicas desta obra.

É para esses - os mais incrédulos - que recapitularei de seguida, na forma esquemática que esta breve nota permite, os muitos pormenores que não podem ser inocentes. E não o são.

- a) Em primeiro lugar: a ordenação do filme em torno do personagem do realizador. Realizador no filme (Denham) e o realizador do filme (Schoedsack) estão em situação análoga. Ambos quiseram imediatamente ganhar dinheiro ("*o mundo inteiro pagará para ver isto (...) Rapazes, seremos milionários*") grita Denham após a captura de Kong, como Schoedsack o poderia ter dito quando terminou o filme), e imediatamente dar a ver, mostrar o inimaginável. Ambos são os *deus ex machina* que organizarão, para nós, a mais prodigiosa encenação. São os narradores, exteriores e interiores à acção, os invocadores do mítico "era uma vez", cuja moral Denham explícita no fim. E, como Schoedsack, Denham tudo desencadeia.
- b) Passemos à figura de Ann. A sua primeira aparição no filme introduz logo o mito da mulher (Eva, pecado), quando a começamos por ver estendendo a mão para o fruto proibido. Ela, de quem Denham disse antes que, como mulher "*conhecia aquela espécie de perigo*", é tratada, na sequência do *snack-bar* em que é contratada, como a Justine de Sade. Sem família, pobre e inocente, é a vítima propiciatória de que o realizador necessita, desejando, tanto quanto temendo, tudo o que lhe possa acontecer. Há um rápido olhar decepcionado, quando Denham lhe diz que o "*emprego é sério*" e os seus fatos, a bordo, o modo como "posa" para as câmaras do "filme dentro do filme" são explícitos convites a outro género de visão ("*só quero é ver*" - diz ela, ainda). Ao chegar à ilha não contém a excitação ("*Isn't that exciting?*"), como depois os seus gritos com o monstro têm o sinal que têm e não têm apenas que ver com o medo. Quando foge do Kong em Nova Iorque, refugia-se no quarto e na cama onde o macaco a vai buscar, e, no meio do terror, o seu prazer e volúpia, jamais são disfarçados. Como os do espectador.
- c) Finalmente King Kong. "*Era um rei e um deus no mundo que ele conhecia. Mas veio para a civilização como um reles prisioneiro, um espectáculo para satisfazer a vossa curiosidade*", diz Denham quando o apresenta ao público de Nova Iorque, numa explicitação de carácter racista evidente. Mas o "rei" e o "deus" é, como tal, muito mais do que isso. O próprio facto de Kong ser um antropóide permite a sua identificação mais fácil ao super-homem, ou mais simplesmente, ao homem, na sua máxima potência. Daí a atracção que exerce (milhares de raparigas escreveram para Selznick declarações de amor ao monstro e a própria Fay Wray escreveu "*mesmo eu quando revejo o filme, sinto um nó na garganta por causa de Kong*"). Daí o terror que inspira ser sempre acompanhado por uma "simpatia" que é mais complexa do que pode parecer. Desde que o monstro aparece iluminado por milhares de velas, que o que surge é o irracional em toda a sua mais obscura e evidente expressão.

Do mar, do nevoeiro, da floresta, da ilha, do passado e do desconhecido, King Kong traz-nos o apelo desse irracional. O mesmo que habita os nossos sonhos e pesadelos, e sobre o qual o mundo da razão tenta estabelecer o seu frágil e precário equilíbrio.

João Bénard da Costa

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico